

A Recepção Epistolar de *Alguma Poesia*, de Carlos Drummond de Andrade

Manuel José Veronez de Sousa Júnior*

Resumo: Após divulgação e lançamento da primeira obra poética de Carlos Drummond de Andrade - *Alguma Poesia* (1930) - percebe-se o surgimento da crítica e a voz da recepção, sejam de leigos amigos, inimigos, críticos profissionais ou aqueles que possuíssem um profundo conhecimento de leitura literária. A recepção dessa obra de Drummond se estabeleceu em dois espaços diferentes: o espaço público oficial, que seriam as críticas publicadas em jornais, revistas e/ou artigos especializados; e o espaço privado (em que seriam as correspondências recebidas por Drummond), onde nos metemos a mergulhar querendo torná-las públicas e passíveis de serem analisadas e pesquisadas cuidadosamente. Desse modo, o objetivo está em apresentar esse segundo espaço, o espaço privado, da recepção através das cartas dos remetentes enviadas a Drummond, àquele espaço cuja escrita é particular, porém a essência do que está escrito não poderá ser particular jamais. A escolha pelo espaço privado e não pelo espaço público oficial se fez pelo pensamento, apoiado ao pesquisador Silviano Santiago (2002), de se lançar novos olhares sobre os lugares já consagrados nas narrativas críticas canônicas, propondo novas abordagens de leitura e reflexão, em que podemos hoje ler sem medo essas cartas e com o direito de analisá-las e questioná-las.

* UFU (Universidade Federal de Uberlândia) – Mestre em Letras (bolsa FAPEMIG), Teoria Literária, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras e Linguística, da UFU. Atualmente, doutorando em Estudos Linguísticos (bolsista CAPES), pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística, da UFU.

Palavras-Chave: Recepção Epistolar; Carlos Drummond de Andrade; Gênero Epistolar; Alguma Poesia; Teoria Literária;

Abstract: After release and launch of the first poetic work of Carlos Drummond de Andrade – *Alguma Poesia* (1930) - one sees the emergence of critical and the voice reception, whether lay friends, enemies, professional critics or those who possess a thorough knowledge of literary reading. Receipt of such Drummond's work settled in two different spaces: the official public space, which would be critical in newspapers, magazines and / or specialized articles; and the private area (where the matches would be received by Drummond), which got into the plunge wanting to make them public and able to be analyzed and researched thoroughly. Thus, the goal is to present this second space, private space, reception through the letters sent to the senders Drummond, to that space whose writing is private, but the essence of what is written may not be particularly ever. The choice of private area and not by the official public space was made by thought, supported the researcher Silviano Santiago (2002), to introduce new perspectives on the places already enshrined in critical canonical narratives, proposing new approaches to reading and reflection, in which today we can read these letters without fear and the right to examine them and to question them.

Keywords: Reception Letter Writing; Carlos Drummond de Andrade; Letter Writing gender; Alguma Poesia; Literary's Theory;

Foi em 6 de maio de 1930¹ que o senhor Rodrigo de M. F. de Andrade, redator chefe da *Revista do Brasil* (1916 – 1944) e diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), envia a Carlos Drummond de Andrade (CDA) uma epístola acusando recebimento do livro deste, bem como confirmando a leitura e o regozijo após e durante a mesma ação. Rodrigo de Andrade não chega a esboçar nenhuma crítica literária nessa carta, fala somente manifestações dos sentimentos provocados nele, afirmando ter o livro chegado em boa hora e em momento oportuno, apesar da revolução

¹ Todas as cartas analisadas e apresentadas se encontram no livro *Alguma Poesia – O livro em seu tempo*, organizado por Eucanaã Ferraz (2010).

de 1930 que ocorria no país e seus impactos na sociedade brasileira. Ele diz também que havia muito tempo que não se publicava algo de presteza e agradeceu a dedicatória feita para ele por CDA em seu poema *Europa, França e Bahia*. Percebemos uma recepção amigável:

apanhei ainda há pouco seu livro no balcão de *O Jornal* e vim me enfiar neste escritório sossegado para ler os poemas que você até hoje vinha negando à gente. Li o volume do princípio ao fim sem parar senão para reler alguma coisa de um lirismo mais fundo. Agora, fechei o livro e quis escrever a você para lhe agradecer imediatamente a remessa do livro e a dedicatória da “Europa, França e Bahia”. (ANDRADE, Rodrigo de M. F. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. *Alguma Poesia – O livro em seu tempo* / Carlos Drummond de Andrade; organização Eucanaã Ferraz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010, p.237).

O poeta e editor Augusto Frederico Schmidt manda uma missiva a Drummond no dia 16 de maio de 1930, nesta, ele agradece o recebimento do livro e diz que nele (no livro) há bastante poesia, embora o nome da obra seja ironicamente diferente. Schmidt reforça o argumento de Rodrigo de Andrade, dizendo que o poeta CDA fez muito bem em publicar seu primeiro livro de poesias, enriquecendo de veras a “Poesia Brasileira”. (SCHIMIDT, A. F. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. *Alguma Poesia – O livro em seu tempo* / Carlos Drummond de Andrade; organização Eucanaã Ferraz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010: 238). Augusto Schmidt disse também ter escrito uma crítica sobre o livro de CDA em um jornal do Rio de Janeiro, de nome *O Jornal*, mesmo afirmando não ser crítico especializado, mas o fez pela vontade de escrever o que sentiu após a leitura de toda a obra.

Na mesma época que Drummond, não obstante, Schmidt publicou mais um livro de poesias, chamado *Pássaro Cego*, em que Mário de Andrade (MA) também faz uma crítica literária pública em um jornal, junto com as críticas de *Libertinagem* de Manuel Bandeira, *Poemas* de

Murilo Mendes e *Alguma Poesia* de quem já sabemos ser. O artigo possui o título de *A poesia em 1930*² (1931), a qual posteriormente, em 1942, se juntou com mais outros artigos sobre literatura de MA para fazer parte de um livro, denominado *Aspectos da literatura brasileira* (1978). Eis a recepção do editor e poeta admirador Schmidt:

muito obrigado pelo seu livro e pela felicidade que ele me deu. Há muito que andava precisando admirar alguém. No entanto, nada acontecia aqui. Ninguém surgia com alguma coisa de forte, de grande e de sério. Foi quando o correio me trouxe *Alguma poesia*. Tanta poesia! (...) Escrevi sobre *Alguma poesia* para *O Jornal*. Sei que é meio ridículo quem não é crítico se meter a dizer coisas sobre livros. Não me importo, porém senti necessidade de dizer minha admiração pela sua poesia. (SCHIMIDT, A. F. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. *Alguma Poesia – O livro em seu tempo* / Carlos Drummond de Andrade; organização Eucanaã Ferraz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010, p. 238).

Antônio Castilho de Alcântara Machado d'Oliveira, ou somente Alcântara Machado, escritor, jornalista, advogado e participante do modernismo brasileiro (ajudou a criar junto com MA algumas revistas modernistas, como a *Revista Nova*) também escreve a CDA, falando suas impressões sobre o livro e colaborando com sua recepção epistolar crítica de jornalista e intelectual modernista. Ele destaca os jogos de palavras com que CDA trabalha as suas poesias, com pensamentos de sentido paradoxal e irônico, tudo ao mesmo instante, esboça uma explicação (uma crítica) talvez original, por acabar no final definindo Drummond como um poeta sem definição e sem parâmetros de comparação. Alcântara Machado apresenta uma característica que para ele é essencial e própria à poesia de CDA, o destaque que suas poesias dão ao vulgar, ao cotidiano, ao comum das coisas e dos homens, elogiando quatro poemas seus, de nomes

² ANDRADE, Mário de. *A poesia em 1930*. In.: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo, Martins; Brasília, INL, 1978.

Fuga, *Balada do amor através das idades*, *Cota 0* e *No meio do caminho*. De alguma maneira podemos perceber a presença de uma recepção, apesar das críticas serem um pouco pueris, mas entendemos através das cartas desses homens as suas preocupações perante a sociedade e a arte literária brasileira e as suas visões enquanto intelectuais, estudiosos, pesquisadores e artistas (nem sempre todos). Um trecho da carta de Alcântara Machado, 17 de maio de 1930:

Impossível resistir – meu caro Carlos D. de Andrade – ao fácil jogo de palavras: *Alguma poesia* tem muita poesia, tem de sobra, tem como o diabo. Você possui qualquer coisa que eu não sei bem se é suave displicência ou sublimação do vulgar ou equilíbrio no perigo ou tudo isso junto ou nada disso indefinível que me entusiasma sempre. É o moderno sem Modernismo: “Fuga” e “Balada do amor através das idades”, por exemplo. E que variedade: esse soberbo instantâneo “Cota 0” e a fita em séries que não acaba nunca “No meio do caminho”. Eu poderia dizer: Carlos D. de Andrade é o maior poeta da segunda geração nova. Porém, não digo, porque não há base para a comparação. Você está destacado. (MACHADO, Alcântara. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. *Alguma Poesia – O livro em seu tempo* / Carlos Drummond de Andrade; organização Eucanaã Ferraz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010, p. 240).

No mesmo dia 17 de maio de 1930, Martins de Oliveira, no momento professor de física, possuidor de deveres sociais e noivo (um dos argumentos dados por ele para explicar a demora do envio de uma epístola falando algo), também envia uma carta a Drummond, parabenizando-o pela publicação do tardio livro (pois sabemos, através das cartas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade (2002), que a ideia de publicação desse livro vem desde 1924, isto é, seis anos de expectativa), argumentando que a obra é um importante documento para o modernismo brasileiro, em todos os aspectos. Oliveira também publica algo oficialmente sobre *Alguma Poesia* (1930) na *Gazeta Commercial*, em Minas Gerais, mas em sua

epístola a sua recepção é branda e amigável, nada muito profundo ou pontual. Apresento um trecho dessa recepção epistolar:

Antes de publicar em a *Gazeta Commercial* o meu pensamento a respeito de seu trabalho, quero dizer-lhe o seguinte: você tardou muito com o seu depoimento a favor do Modernismo. Sem embargo da grande demora, o seu “documento” é admirável. Vai dar que fazer à vaidade dos que se propõem a corrigir e a analisar as nossas coisas. O sarcasmo de suas ideias, escondidas em meia dúzia de imagens, confunde a petulância de muitos. Sei lá, meu colega: você é, como dizia a velha chapa dos analistas de outro tempo, um valor autêntico. Nós devemos dizer: um número. (OLIVEIRA, Martins de. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. *Alguma Poesia – O livro em seu tempo* / Carlos Drummond de Andrade; organização Eucanaã Ferraz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010, p. 242).

Mais um poeta da época surge em carta de 18 de maio de 1930, endereçada a Carlos Drummond, seu nome é Murilo Mendes e também havia publicado um livro no mesmo ano, chamado *Poemas*. Murilo Mendes também era no momento um jovem promissor poeta, ele teve, como Drummond, Schimidt e Bandeira, uns parágrafos dedicados à análise literária crítica de suas poesias feita por Mário de Andrade. Seu estilo era bastante divergente, extremamente abstrato, quase onírico, e ele, como todos os outros, estava mergulhado nesse turbilhão chamado Modernismo, estava atualizado e concatenado com os pensamentos brasileiros de arte literária modernista, influenciada, sem dúvida, por MA, instigando todos os artistas a buscarem o elemento nacional - o *ethos* - que representasse uma universalização da cultura brasileira. Engajado e ciente do seu papel, ele troca missivas com Drummond em prol de se realizar um diálogo literário, tentando buscar os meios de construção, solidificação e idealização de um sistema literário brasileiro modernista e autêntico. Na sua recepção crítica amena (através da carta), porém segura, Murilo Mendes afirma que Drummond é realmente poeta e não poderia nunca parar de

escrever, em condições nenhuma, afirmando também que ele possui uma unidade de escrita e estilo, trazendo uma marca própria bastante significativa e destacada. Alguns poemas chamaram sua atenção, *Poema da purificação*, *Explicação*, *Romaria* e *No meio do caminho*. Segue trecho da carta a seguir:

recebi com atraso o seu livro de poemas. Já conhecia alguns através de revistas e jornais e desde muito tempo acho eles ótimos. Você é um dos poetas mais exatos de agora. Não digo do Brasil de agora, porque entendo que um poeta deve ser poeta em qualquer lugar do mundo. Você é dos tais que não podem deixar de ser poeta. Nem a pau. Em você, é uma coisa congênita. Se lhe oferecessem a usina Ford ou a Presidência da República, com a condição de você largar a Poesia, você não aceitava. E fazia muito bem. Porque só a Poesia, a Poesia total, nos livra da contingência do tempo. (MENDES, Murilo. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. *Alguma Poesia – O livro em seu tempo* / Carlos Drummond de Andrade; organização Eucanaã Ferraz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010, p. 243).

Gustavo Capanema, nesse momento de 1930, secretário do Interior do governo de Minas Gerais, ainda não era Ministro da Educação e Saúde (isso ocorreu em 1934), era amigo de longa data de Drummond. Eles possuíam uma amizade de infância e acabaram seguindo juntos na carreira política e de servidor público (Drummond foi Chefe de Gabinete de Capanema). O então secretário não possuía muito a característica de crítico literário, apesar de ter publicado uma crítica oficial em 13 de julho de 1930 n' *O bandeirante* a respeito de *Alguma Poesia* (1930). Sua epístola é de uma recepção literária de melhor amigo e grande admirador, Capanema reconheceu o talento literário nato de Drummond, que seguramente sabe lidar com as palavras. O amigo revela na missiva que ficou mais feliz do que podia ficar, devido ao poema dedicado a ele que CDA o oferece, chamado *Jardim da Praça da Liberdade*. Eis um trecho da referida carta:

Eu não sei bem explicar por que não lhe escrevi nada. Só sei dizer a você que uma das maiores e mais puras emoções que tenho tido na vida foi essa que você me deu com *Alguma poesia*. Não é que você se viesse revelar a nós maior e mais belo do que supúnhamos. O livro, que na maior parte já conhecíamos, o que fez foi dizer aos outros esta coisa que já havíamos declarado – que você é uma grande e nobre alma humana e o maior dos poetas modernos do Brasil. A mim, entretanto, não foi essa a única alegria que você deu. A minha maior emoção foi a de encontrar o meu nome em cima de um dos melhores poemas do livro. E foi também a de ganhar um exemplar de *Alguma poesia* com a mais carinhosa e desvanecedora dedicatória. Eu fiquei perturbado com tudo isso e achei francamente que não merecia tanto. (...). Vocês estão me fazendo falta. Há seis meses que não vou aí, e essa ausência tem sido penosa demais. Entre vocês, é que eu gosto de estar, com as suas confidências e as suas coragens. Gosto de estar principalmente com você, de ouvir as coisas bonitas e pretas que você me conta. (CAPANEMA, Gustavo. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. *Alguma Poesia – O livro em seu tempo* / Carlos Drummond de Andrade; organização Eucanaã Ferraz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010, p. 248-249).

O crítico, ensaísta e poeta gaúcho Augusto Meyer manda, em 20 de julho de 1930, uma epístola a Drummond apresentando suas impressões sobre *Alguma Poesia* (1930). Como intelectual e artista, ele disse que o título do livro está um pouco equivocado, pois são muitas poesias além de alguma. Quanto ao seu estilo e técnica literários, Meyer, na missiva, disse que Drummond possui uma poesiaafiada, “misturante”, mas ao mesmo tempo transparente e de uma poética bastante coerente e segura. Podemos notar, ainda de forma branda, uma recepção crítica bem tranquila, amigável, porém sincera, por parte do gaúcho escritor. Os intelectuais e artistas da época buscavam dar a devida atenção e preocupação à literatura brasileira, apresentando artigos, cartas, ensaios, palestras, seminários, tudo o quanto era possível, em condição de se desenvolver uma literatura

fixa, enraizante e bastante profunda nos seus sentidos e pensamentos, sejam eles técnicos, estéticos, formais e/ou temáticos. Agora um trecho dessa carta de Augusto Meyer:

ai vai uma besteirinha que eu escrevi sobre o livro de você. Sua poesia (“alguma” está errado) afiada como navalha, centrifugada, transparente, tão especial como poética – um caso sério. Estou contente, porque posso lhe falar assim, manifestando esta alegria: achei um poeta! (artigo raro no Brasil, pois não.) E desculpe se não sei exprimir com palavras a minha admiração. (MEYER, Augusto. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. *Alguma Poesia – O livro em seu tempo* / Carlos Drummond de Andrade; organização Eucanaã Ferraz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010, p. 251).

Houve até uma recepção epistolar estrangeira (brevíssima, rapidíssima), vinda da Europa, particularmente da França, especificamente de uma cidade do sudeste, chamada Hyères, onde o senhor novelista e poeta suíço Blaise Cendrars disse o seguinte, em 24 de agosto de 1930: “*Je vous remercie beaucoup de votre aimable attention. J'ai bien reçu Alguma Poesia et je trouve ce livre très beau, très sérieux, très fort*” (CENDRARS, Blaise. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. *Alguma Poesia – O livro em seu tempo* / Carlos Drummond de Andrade; organização Eucanaã Ferraz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010, p. 266). Mas foi em uma epístola sem data de Sérgio Milliet que percebemos uma recepção epistolar um pouco mais crítica, mais especializada e “profissional”, deixando de lado um pouco a amizade para avaliar a literatura, para se falar dos pontos convergentes e divergentes de *Alguma Poesia* (1930). Milliet disse do título ser assaz modesto e desprezioso, uma coisa contraditória, pois seu livro não o era assim e o exemplo para se embasar nesse pensamento foram os versos 6 e 7 do poema *Poema de sete faces* (este poema é o primeiro do livro, de abertura) que ele apresentou na epístola para

³ Eu agradeço muito o senhor pela amável atenção. Eu já recebi *Alguma Poesia* e eu acho este livro muito bonito, muito sério, muito forte. (Tradução feita por mim).

Drummond. Com esses dois versos, Milliet comparou CDA a Aragon, Cendrars, Cocteau, Baudelaire e Verlaine, sendo poucos da “Poesia Moderna” a terem essas sensibilidades e captações além das coisas que observam. Porém, Sérgio Milliet apresenta um ponto crítico negativo na poesia de Drummond, a sua ironia fácil em que apresenta certas ingenuidades, que segundo ele, não eram interessantes e boas para se usar como estilo frequente, por serem já passadistas. Milliet instiga CDA dizendo que é preciso renovar, reestabelecer a inspiração e a expressão para que se possa ser diferente (numa espécie de fuga) dos modernistas e assim, desenvolver mais o Modernismo. No final da carta, Milliet reconhece o grande poeta e contribuidor do modernismo: Carlos Drummond de Andrade,

recebi com alegria o seu livro. *Alguma poesia* é título modesto, bastam aqueles dois versos do primeiro poema *O céu estaria azul / Se não houvesse tantos desejos* para dar ao seu livro título menos despretensioso. Como esses versos, conheço poucos na Poesia Moderna internacional. Alguns de Aragon, alguns de Cendrars ou de Cocteau. E, na poesia de antes de nós, só em Baudelaire e em Verlaine você encontra coisa semelhante. Agora alguns reparos. Não gosto da ironia fácil de algumas ingenuidades já um pouco “chapas”. Não quero citá-las. Há muito que venho batalhando em prol do abandono definitivo dessas coisas. Estamos ficando a marcar passo numa brincadeira que passou. Isso, hoje em dia, só espanta o burguês do Brasil e agrada o burguês dos outros países que a ela se acostumaram. É preciso renovar a inspiração e a expressão, fugindo às normas dos nossos modernistas. Vocês, do grupo moço de Minas, parecem talhados para grandes coisas. E certos versos, como aqueles que citei no começo desta carta, mostram que você, “particularmente”, é um dos que maior esperança dão à gente. Não leve a mal essa minha crítica. É de um leigo. De um poeta que falhou. Que desanimou, porque não conseguiu criar uma personalidade suficientemente “pessoal”. Mas ela tem o valor de ser a de uma pessoa absolutamente imparcial. E que acompanha com gostosura a evolução da nossa poesia. (MILLIET, Sérgio. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. *Alguma Poesia – O*

livro em seu tempo / Carlos Drummond de Andrade; organização Eucanaã Ferraz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010, p. 269).

Nesse momento, apresentarei a recepção epistolar mais densa, mais analítica e verdadeiramente crítica feita por Mário de Andrade⁴ ao livro publicado de Carlos Drummond. Essa carta é escrita (e dividida) em três dias, 1, 12 e 22 de julho de 1930, em que MA esboça toda uma crítica literária a respeito de *Alguma poesia* (1930). É uma análise exclusivamente para CDA (e mais ninguém), pois foi somente ele, a princípio, que leu essas missivas críticas, por se tratar de uma carta pessoal e endereçada conscientemente a ele. Tal crítica epistolar de MA é tão pontual, honesta e preocupada com as questões da literatura modernista no Brasil que ele aproveita parte dessas cartas (a de 12 e 22 de julho, principalmente) para fazer uma crítica pública oficial, lançando em 1931 o seu artigo *A Poesia em 1930* (1978), já mencionado anteriormente.

Mário de Andrade afirmou no primeiro dia de carta sua preocupação em relação a algumas poesias publicadas no livro de Drummond, afirmando que o livro, com poemas que foram escritos e comentados há cinco anos antes (por eles inclusive), pudessem ter um sentimento passadista, isto é, antigo, arcaico, pois o momento, a vontade e as sensações não pareciam ser mais os mesmos. Porém, não é isso que acontece, MA, após, categoriza, com propriedade, crítica séria e segurança o caráter atemporal, ou não episódico de *Alguma poesia* (1930), chegando a afirmar na epístola que o livro de CDA é de ontem, de hoje, de amanhã e de sempre, sendo um grande representante da arte e da poesia modernista brasileira. Há um trecho dessa carta que é o seguinte:

A primeira vitória do seu livro e a decisiva, que assegura o valor extraordinário e permanente dele e da sua poesia, é não dar a

⁴ Porém, Mário já havia publicado (oficialmente) alguma coisa sobre o livro no *Diário Nacional*, dez dias antes, em 22 de junho de 1930.

impressão de *passadismo*. Me explico. O que eu mais temia, diante da evolução rapidíssima da poética no século 20, é que os poemas de você, muitos antigos e refletindo processos de cinco, seis anos atrás ou mais, e já abandonados, produzissem mau efeito reunidos em volume. Dessem a impressão de adesismo retardatário ou de carneirismo a certos assuntos poéticos que os *moços* de todo o Brasil se encarregaram de vulgarizar ao excesso, abastardar com a precariedade dos jovens de vinte anos e ficaram reduzidos a pó-de-traque. Assuntos como Recordações de Infância, Descrições rápidas haicaizadas, a temática nacional, paisagismo sensacionalístico etc. são assuntos já revelhos na poesia modernista e de todos você usa. Compreende-se: o perigo era enorme. (ANDRADE, Mário de. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de e ANDRADE, Mário de. *Op. cit.*, p. 385).

No Segundo dia de carta, MA está mais dedicado ao livro e começa, de fato, sua análise e crítica literárias. Ele vai dizer que a poesia de CDA possui uma essência individualista, como a de Manuel Bandeira, mas isso não é tão problemático. Segundo ele, se trata apenas de opiniões e posições quanto ao como fazer (e de que maneira) literatura em versos, pois para Mário, por exemplo, sua essência poética própria não era individualista e sim socialista e pragmática. Um outro ponto que MA aborda com um pouco de crítica desfavorável (mas nem tanto) é em relação a inteligência de Drummond, que era bastante, e às vezes o atrapalhava em suas poesias, pois se misturava com a sua timidez (algo que MA percebeu também nas suas poesias, apesar de ser seu amigo e já ter percebido antes essa sua característica particular, nas epístolas trocadas) e acabava transformando as poesias (algumas delas) em poesias-piada, poemas-coquetel, sem muito humor franco, nem alegre, nem saudável (e que Mário de Andrade detestava⁵). Segundo MA, a reação intelectual de CDA contra

⁵ Alguns poemas que não agradaram Mário, segundo ele próprio, dito em carta a Drummond, foram: *Poema do amor*, *Bahia*, *Política literária*, *Igreja*, *Cidadezinha qualquer*, *O sobrevivente*, *Anedota búlgara* e *Sociedade*.

sua timidez era fato e evidente, além de trazer coisas interessantes (às vezes não tão) à sua poesia, que possuía estética, técnica e ética bastante próprias, porém de um lirismo artístico poético inegável. Vamos deixar Mário de Andrade falar por si mesmo:

Esse individualismo de *Alguma poesia* dá a medida psicológica exterior, pros outros, espetacular, de você o quanto possível. Quereria não conhecer pessoalmente você pra mostrar pelos seus versos o formidoloso tímido que você é. De fato: pra você ser um feliz, era preciso que não tivesse nem a inteligência nem a sensibilidade que tem. Então seria um desses tímidos, tão comuns na vida, uns vencidos sem saber que o são e cuja absoluta mediocridade acaba fazendo-os felizes. Mas você é timidíssimo e ao mesmo tempo sensibíllissimo e inteligentíssimo. Coisas que se contrariam pavorosamente e se brigam com ferocidade. E desse combate você é todo feito e sua poesia também. Uma poesia sem água corrente, sem desfiar e concatenar de idéias, de estados de sensibilidade. Uma poesia cujos poemas não têm princípio nem meio nem fim, senão rarissimamente e nestes casos raros porque curtos. A poesia de você é feita de explosões sucessivas. Dentro de cada poema as estrofes, às vezes os versos, são explosões isoladas. A sensibilidade profunda, o golpe de inteligência, a queda da timidez fisiopsíquica (desculpe) se interseccionam, aos pulos, às explosões. Repare o final do "Poema das sete faces". O terceto "Meu Deus, porque me abandonaste" etc. é toda a timidez de você que ressumbra. Vem em seguida a explosão de sensibilidade na quintilha "Mundo mundo, vasto mundo" com a semisubconsciência provocando assonâncias, associações de imagens, e o verso sublime (mas intelectualmente besta) "seria uma rima, não seria uma solução". Mas o diabo da inteligência explode na quadra final. E você procura disfarçar o estado de sensibilidade em que está; faz uma gracinha corajosa, bem de tímido mesmo; e observa com *verdade* (pura inteligência pois) as reações do ser ante o mundo exterior. Talvez seja esse o trecho mais típico mas será fácil encontrar em quase todos os poemas esse processo de explosões isoladas, sem concatenação de uma só espécie, explosões que ora são do tímido tímido fisiopsíquico, ora do lírico sensibíllissimo, ora da inteligência grande em excesso.

(ANDRADE, Mário de. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de e ANDRADE, Mário de. *Op. cit.*, p. 387).

O grande amigo e crítico epistolar apresenta no último dia dessa extensa carta (em que não foi relida nem revisada por MA, segundo ele próprio) o ritmo, a dicção e os “sequestros” percebidos por ele na poesia de Carlos Drummond de Andrade. MA afirma que o ritmo poético de CDA é próprio e característico, até melhor e mais ameno que o ritmo de Manuel Bandeira, por exemplo, pois se percebe uma espontaneidade no dizer artístico do verso, uma suposta facilidade na leitura e no entendimento do proposto (nunca fechado, ou limitado) pelas poesias. A naturalidade de dicção do ritmo de seus versos é tão grande e já resolvido que MA o denomina como poeta nato e irremediável, em que faz poesias a todo o momento da vida, pelo simples ato de viver, diferente de outros poetas, também bons, mas que fazem poesia somente no momento e local adequados, propícios e direcionados. Quanto aos sequestros percebidos por Mário, ele diz que há dois no livro de Drummond, o sequestro da vida besta e o sequestro sexual⁶: o primeiro, segundo MA, CDA conseguiu sublimar, referenciar, destacar, apresentar etc., porém o sequestro sexual não, pois Mário de Andrade afirmou que Carlos Drummond rompe com suas lutas interiores em favor de ilusões, de mentiras, se escondendo (como ele realmente é) da humanidade. Nada mais justo e melhor do que deixar MA dizer suas impressões sobre o grande poeta CDA, que foi (nesse período) um relevante representante da poesia modernista brasileira. Isso está nas seguintes palavras epistolares que Mário de Andrade arguiu:

Já disse os pontos gerais do seu livro. Como generalidade só falta falar na técnica, mas isso no momento pra mim (e creio que pra você também) interessa pouco. Mas não poderá ser feito um

⁶ Podemos pensar de maneira bastante grosseira e generalizada os “sequestros” como sendo as temáticas, os assuntos mais destacados e repetidos trazidos por CDA em sua obra poética aqui analisada e apresentada por MA.

estudo público do livro sem ressaltar a extrema riqueza rítmica de você, em que você supera de muito o Manuel, que ou cai nos versos medidos, ou então é permanentemente áspero, cortante, em ritmos parando no meio, bruscos, ásperos, cortantes que nem o nariz e a dentuça dele mesmo. Você também usa às vezes de ritmos assim prosaicos, porém quando isso é de excelente efeito pro sentido dos versos. Quando o verso é espontaneamente metrificado, possui maior variedade de metros que o Manuel. E usa a todo momento e sempre com felicidade rara essa espécie de compromisso entre o verso medido e o verso livre, que eu também uso muito. Como rítmica você é riquíssimo, e a riqueza de você diverge sensivelmente da de Guilherme de Almeida e, a meu ver, em valorização maior da de você porque a do Gui, embora muito mais rica e perfeita, é duma ordem exclusivamente artística, de artesão, ao passo que a de você é duma naturalidade, duma liberdade perfeitamente espontânea e por isso provando maior força interior. (...) Outra coisa tecnicamente importante é sua naturalidade de dicção, também perfeitamente espontânea. Você é simples sem artefação nenhuma nos melhores momentos seus. Deixa a frase correr e ela é um regatinho. Raro o efeito. E no geral estes – quando não são de efeito cômico – chocam, a gente se sente fora de você, dentro do processo (modernista), e é uma pena. Já porém quando o efeito é cômico (como aquele “psiu” da “Romaria”) então o sinto mais livre de processos, mais de você e mais eficaz. Outro efeito que aparece várias vezes e gostei em você foram as assonâncias ou rimas dentro do mesmo verso, e às vezes em palavras seguidas, como “mundo profundo”. Isso é bem da psicologia de você com as grandes fadigas, as grandes amarguras e por isso desleixos intermitentes da vida, provocadas pela sua enorme luta consigo mesmo. A inteligência fica descontrolada e surgem as associações subconscientes. Muito bom. Aliás me parece mesmo que você está apenas a dois passos do sobrerrealismo, ou pelo menos daquele lirismo alucinante, livre da inteligência, em que palavras e frases vivem duma vida sem dicionário quase, por assim dizer ininteligível, mas profunda, do mais íntimo do nosso ser, penetrado (sic) por assim dizer o impenetrável, a subconsciência, ou a inconsciência duma vez. (...). O que você quis foi

violentar-se, espécie de masoquismo, dar largas às suas tendências sexuais, inebriar-se nelas, clangorar “pernas” mais “pernas e coxas” pra vencer-se interiormente. Ser grosseiro, ser realista, já que não achava saída delicada ou humorística pros seus combates interiores. Virou a besta-fera que nós todos temos dentro de nós. E isso culmina na sentença da página 10 (“perna” três vezes!) em que você resume numa pornografia enormemente comovente pela inocência com que, sempre áspero, buscando o violento sexual, foi delicado e em vez de dizer que a mulher não passava dum sexo, que é o que você queria gritar (não, sentir), você exclama: Todas são *pernas!*” O “sequestro da vida besta” poeticamente mais interessante, embora como psicologia menos curioso. Ele representa a luta de você entre o ser sempre familiar, o ser-empragado-público, com família, caipirismo e paz, o “bocejo de felicidade” enfim, tal como você o descreveu, e a sua consciência pessoal e social mais ou menos amarga e certamente penosa, da espécie de inutilidade sempre pessoal, de você, e também humana, social, dessa vida besta. Mas o contraste é que, embora desprezando um bocado essa vida besta, você se compraz nela. Como a tragédia era menos individualista, você não atribuía a ela a importância *pessoal* que dava ao caso sexual, você pôde sublimar melhor, fazer disso mais poesia, mais lirismo e criou poemas que, ou de pura sensibilidade saudosa (“Infância”) ou complacente (“Sweet home”), ou irônicos (“Cidadezinha qualquer”) – poemas-piada, sim, porém muito significativos; ou ainda admiravelmente humorísticos como “Família” (uma obra-prima) e “Sesta”. Todos esses poemas afinal são um assunto interior só, que você desenvolveu em vários aspectos. Também o “Chopin”⁷ ainda se enquadra bem no ciclo, assim como várias passagens esparsas no livro. E também ainda, embora a ligação seja mais sutil, a sarcástica “Balada do amor através das idades”, em que afinal você se vinga da vida besta, pondo miríficos suicídios e martírios em todas as idades menos na contemporânea em que você faz o amor dar em casamento, em burguesice. Esse poema é todo ele efeito com um senso profundíssimo do ridículo. As épocas, os elementos delas escolhidos, tudo

⁷ Esse poema aparece no livro com o título *Musica*.

fica dum ridículo profundo mesmo, tudo se achata como o quê, comisíssimo. Talvez o clímax do seu *humour*. Também a “Cantiga do viúvo” (outra obra-prima) também se enquadra no ciclo bem. E há poemas soltos admiráveis, puros momentos isolados de você em que só as partes gerais da sua psicologia penetram, como o “Reizinho de Sião”⁸, “Romaria” etc. (ANDRADE, Mário de. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de e ANDRADE, Mário de. *Op. cit.*, p. 388, 389, 390 e 391).

É através dessas cartas apresentadas, todas elas de alguma maneira, que percebemos o abasileiramento do Brasil que Mário tanto quis e buscou (pelo menos tentou) na literatura, fazendo do nosso passado nacional eurocêntrico uma fonte de questionamentos e reflexões. Carlos Drummond de Andrade, com a publicação do seu primeiro livro de poesias (e de todos os outros que publica ao longo da vida), também mostra o seu interesse, dedicação e força de criação de uma literatura genuinamente brasileira, consolidando um *ethos* nacional próprio, característico e universal. Os ensinamentos da vanguarda europeia agora estão revisados e ressignificados, cuja modernidade técnica dos futuristas, segundo Silviano Santiago (2002), é transformada pelos artistas modernistas brasileiros em questionamentos dos padrões eurocêntricos de arte. Assim, com a desconstrução do eurocentrismo por parte dos intelectuais e, principalmente, artistas do Brasil, “a indagação sobre o passado nacional significa aqui o ‘desrecale localista’ pelo cosmopolitismo vanguardista, tarefa efetivamente realizada pelos modernistas brasileiros.” (ANDRADE, 2002, p. 19). As correspondências apresentadas aqui e, sobretudo, as escritas por MA a CDA, nos dão a possibilidade de enxergar e quase “tocar” na essência característica, sublime e forte do movimento modernista brasileiro e das poesias de Drummond, especificamente, em que se percebe o desajuste como característica basilar de sua poesia. O desajuste, segundo Santiago (2002), é a força

⁸ O nome correto seria *Elegia do rei de Sião*.

motriz da ação poética drummondiana, em que a microestrutura, chamada também de indivíduo e a macroestrutura, intitulada de mundo, são encobertas e escamoteadas, percorrendo todos esses espaços intercaladamente. É o poeta que precisa encaixar essas peças umas nas outras, construindo e desenvolvendo um todo orgânico bastante vivo e dinâmico, não apresentando apenas meras marcas, ou partes particulares e próprias de qualquer natureza.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. *Alguma Poesia – O livro em seu tempo / Carlos Drummond de Andrade*; organização Eucanaã Ferraz. – São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010.

ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. *Carlos e Mário: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade: 1924-1945 / Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade*; organização: Lélia Coelho Frota; apresentação e notas às cartas de Mário de Andrade: Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade: Silviano Santiago. – Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.